

FREUD: MITO, CULTURA E RELIGIÃO

As obras selecionadas para leitura neste semestre representam muito mais do que uma simples aplicação de conceitos psicanalíticos à origem da humanidade e à sua religiosidade.

Totem e Tabu é um tratado sobre o nascimento do homem moderno, aquele que surge na aurora da civilização, já humano, já arrancado da natureza puramente animal, o homem que celebra o pacto social.

Para dar conta dessa origem, desse momento fundante, Freud produzirá um mito: o Mito da Horda Primitiva. Nele se localiza a raiz do complexo de Édipo e da castração em sua dimensão simbólica, ponto no qual a letra toca o real do o corpo, impondo-lhe o desterro como destino. Aqui, a engrenagem edípica pode ser analisada para além de sua manifestação fenomenológica e imaginária, que expressa o desejo incestuoso pela mãe e a rivalidade ao pai. No mito da Horda, o Édipo mostra sua face estrutural, mola simbólica a ordenar as relações entre os seres humanos.

A lei, cuja origem esse mito situa, ordena a sexualidade desse ser que já não é mais animal, e que por isso não dispõe de aparato instintual para guiar-lhe na sobrevivência de si e da espécie.

Com o ser humano nascem a moral e a religiosidade, duas dimensões inseparáveis da condição humana. A moral legisla sobre o permitido, determinando a interdição mais radical de todas: o casamento tem que ser exogâmico, a relação consanguínea (o incesto) é o tabu primeiro. A mãe está para sempre interdita. Ela é a mulher do pai, cujo lugar, depois de seu assassinato, revelou-se impossível de ser ocupado. A lei moral trata de salvaguardar e garantir o convívio dos filhos em sociedade, ordenando-lhes o desejo.

A religiosidade humana é fruto da culpa pelo assassinato do pai. Ele agora, morto, é alçado à condição de pai absoluto, eterno. Nasce o sagrado, a divindade, a reverência religiosa dos filhos arrependidos de seu ato. O homem criou Deus à sua imagem e semelhança para se redimir de sua falta original.

As religiões se organizarão apoiadas justamente no caráter estrutural da religiosidade, seduzindo o sujeito para seu rebanho. É nisso que se tornam uma ilusão, pernicioso na maioria das vezes, constituindo uma espécie de neurose coletiva. Essa é a questão presente no *Futuro de Uma Ilusão*, texto no qual Freud criticará acidamente as religiões por se apropriarem do sentimento religioso, transformando em ilusão isso que é peça-chave do real humano nos confins do alcance simbólico.

Os homens aderem às religiões porque se percebem desamparados e a ilusão da qual deveriam curar-se é a de acreditar que Deus possa ser sua salvação. Com *Totem e Tabu* Freud é categórico: Deus está morto. Ele é o pai morto transformado em símbolo. É assim que Deus-Pai opera. É como símbolo que ele existe. Nada pode nos salvar desse desamparo. Somos órfãos e nosso único

amparo, nosso único recurso, não é mais que um símbolo, um nome: existimos em Nome-do-Pai. Sempre restará um mal-estar por sermos seres de cultura, desterrados da natureza, movidos por um desejo que nenhuma necessidade consegue aplacar. Esse o *Mal-estar na Civilização* que Freud identifica no texto dedicado a pensar sua origem.

Moisés e a Religião Monoteísta trará a oportunidade de observarmos o nascimento do judaísmo e da religião cristã, esses dois pilares do mundo ocidental. Aqui o assassinato do pai se renova na fundação do judaísmo, a primeira religião monoteísta da humanidade, encontrando no cristianismo a solução do perdão para tal crime.

Todas essas obras remetem-nos ao Édipo e à castração, conceitos fundamentais da teoria e da clínica psicanalíticas, ressaltando sua presença mítica na fundação da cultura e sua participação constituinte no nascimento de cada sujeito.

Regina Steffen.